

Parcerias e precariedade: investigação sobre o financiamento de projetos de “jornalismo de quebrada” em periferias de São Paulo

Precariousness and alliances: research on the financing of “de quebrada journalism” projects in São Paulo’s Suburbs

Mariana de Sousa Caires

Mestranda no Programa de Pós Graduação em Ciências Humanas e Sociais da UFABC - São Bernardo do Campo, São Paulo, Brasil. Orientada pela Professora Dra. Livia de Tommasi - pesquisa “Educomunicação em São Paulo: das políticas públicas ao ‘Fazer Acontecer’ dos coletivos de comunicação periféricos”. Graduada em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (FAAC / Unesp), Bauru, São Paulo, Brasil. Orientada pelo Professor Dr. Juarez Tadeu Xavier - pesquisa: “Jornalimos em construção - Mídia como meio, processo e produto para promover a cidadania”. Email: marianacaires1@gmail.com

Resumo

O artigo observa o contexto de trabalho de dois grupos de comunicação de periferias da Zona Sul de São Paulo. A análise tem como corpus os relatos sobre a criação e financiamento dos grupos: Periferia em Movimento e Desenrola E Não Me Enrola. Visa contribuir com o campo de estudos sobre o “jornalismo de quebrada” ao trazer o olhar crítico sobre as relações de trabalho no novo capitalismo. O artigo é parte de uma pesquisa que volta a indagar as subjetividades dos jornalistas enquanto trabalhadores, com relação à flexibilização da rotina, projetos a curto prazo e empreendedorismo de si mesmo. Através de entrevistas e da metodologia de Análise Crítica do Discurso. A conclusão indica que o “modo de fazer” desses trabalhadores contém aspectos do trabalho precário, relacionados às precariedades e oportunidades que fazem parte das suas trajetórias. Essa condição de precariedade é consciente e estes buscam melhores condições de trabalho e políticas públicas de fomento à comunicação.

Palavras chave

Jornalismo de quebrada; Comunicação; Trabalho precário; Empreendedorismo; Periferias.

Abstract

The article discusses about the work context of two communication groups in the peripheral South Zone of São Paulo. The corpus of the analysis is the reports on the creation and financing of the groups: “Periferia em Movimento” and “Desenrola E Não Me Enrola”. It aims to contribute to the field of studies on “de quebrada” journalism by bringing a critical look at labor relations in the new spirit of capitalism. The article is part of a research that issues the subjectivities of journalists as workers, regarding the flexibility of the routine, short-term projects and self-entrepreneurship. Through interviews and the Critical Discourse Analysis methodology. The conclusion indicates that the “modus operandi” of these workers contains aspects of precarious work, related to the precariousness and opportunities that are part of their trajectories. This precarious condition is conscious and they seek better working conditions and public policies to foster communication.

Keywords

Peripheral Journalism; Communication; Precarious work; Entrepreneurship Suburbs.

Introdução

Pense em dois jovens que vislumbram um mundo de possibilidades. (...) Até aqui, sonhar era o nosso maior propósito. Em uma dessas reportagens, aprendemos que para colocarmos em prática nossos projetos só precisávamos encontrar pessoas que acreditassem (...). Um sonho antigo que começava a ganhar vida no segundo semestre de 2013, quando eu, Thais e Raphael escrevemos esse projeto para o Programa de Valorização de Iniciativas Culturais (MATOS in VILHENA; LOPES; CRUZ, et al. 2018, p.18)

No livro “Você Repórter da Periferia - Visões e vivências do jornalismo nas periferias”, de 2018, conhecemos a trajetória de jornalistas moradores da região do M’Boi Mirim (periferia da Zona Sul de São Paulo). Em 2013, Thais e Ronaldo eram estudantes do terceiro semestre de jornalismo e se reuniram para iniciar o blog “Desenrola E Não Me Enrola”. Era a realização do sonho de criar e trabalhar em um veículo de comunicação periférico¹. Como conta Thais Siqueira, os sonhos em relação à universidade se iniciaram “com o ponteiro do relógio atrasado e é bem difícil igualar os ponteiros”. Mas a partir desse encontro de “sujeitos periféricos”² (D’ANDRÉA, 2013) com aspirações semelhantes em relação ao papel do jornalismo, surgiu uma rede que cresce a cada edição do curso “Você Repórter da Periferia” (curso sobre jornalismo, direitos, identidade e território oferecido a jovens de periferias) promovido pelo Desenrola e Não me Enrola desde 2014. Os projetos deste grupo que foram selecionados em editais de fomento público possibilitaram a remuneração de parte de suas atividades e a inauguração do Centro de Mídia e Comunicação Popular do M’Boi Mirim.

Esse artigo apresenta discussões realizadas no âmbito da pesquisa de mestrado sobre coletivos de comunicação de periferias de São Paulo³. Por meio da metodologia de observação participante, acompanho o trabalho de comunicadores dos grupos “Desenrola E Não Me Enrola”, “Periferia em Movimento” e “Embarque no Direito” para investigar subjetividades que marcam o “modo de fazer” dos seus trabalhos. Trago aqui resultados da análise dos relatos sobre a criação desses grupos e as relações de trabalho que estabeleceram ao longo dos anos.

Observo este como um campo “habitado por pessoas, instituições e dispositivos, com relações, práticas e interesses em disputa” (BOURDIEU, WACQUANT, 1992). Com base em reflexões que temos feito no grupo de pesquisa sobre Cultura e Trabalho na UFABC, nessa pesquisa, me afasto dos julgamentos dicotômicos acerca do campo pesquisado. Parto da percepção de que cada atividade desempenhada e decisão tomada por esses jovens moradores de periferias que criaram e trabalham nesses grupos de comunicação estão relacionadas a fatores históricos, políticos e sociais, diversas redes e relações de poder. A exemplo de TOMMASI (2013), SCOZ (2018), CAMARGO (2018)⁴ e demais pesquisas que trago como referência ao longo do artigo, investigo subjetividades nas condições de trabalho desses jornalistas e busco trazer novas reflexões. Espero que os questionamentos auxiliem quem faz

¹“o significado crítico presente na formulação dos moradores da periferia sobre o termo “periferia” nascia com uma dupla ruptura: de um lado, criticava o pensamento único que se impôs com a hegemonia neoliberal. O termo provava que desigualdades seguiam existindo, e que contradições seguiam moldando a organização da sociedade. Por outro lado, esse termo apresentava essas desigualdades não pela opressão no mundo do trabalho, mas pela ótica da desigualdade urbana” (D’ANDRÉA, 2013, p.137).

²“*Sujeito periférico* é quem tomou posse de sua condição periférica. Quem descobriu e assumiu essa condição. Quem transmutou-se de ser passivo a ser ativo dessa condição. De periférico em si para periférico em si (...) para ser definido como tal, é necessário possuir três características: 1. Assume sua condição de periférico (de periférico em si a periférico para si); 2. Tem orgulho de sua condição de periférico (do estigma ao orgulho); 3. Age politicamente a partir dessa condição (da passividade à ação)” (D’ANDRÉA, Tiaraju. 2013. p.173-174)

³ Pesquisa de mestrado iniciada em mar/2019 no PCHS-UFABC, orientada pela Prof. Dra. Livia de Tommasi.

⁴ A autora também fez uma importante retomada bibliográfica das teorias da comunicação que foram escritas por autores brasileiros e contemplam processos histórico-sociais (CAMARGO, 2018. p.24).

parte dessa rede de relações e também estudantes e professores de jornalismo, para que tenham novas perspectivas dentro desse campo científico do comum (SODRÉ, 2014).

A discussão que aqui proponho se insere em um campo de pesquisas sobre o trabalho de jornalistas que é protagonizado pelo Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho da ECA-USP. Seus estudos identificam a comunicação e o trabalho como “atividade fundante do ser social” (FÍGARO, 2018, p.178). São também questionamentos que tenho realizado desde o curso de jornalismo na Unesp. Em 2012, o professor “Dino” Magnoni nos apresentava a realidade que enfrentaríamos no mercado de trabalho: o jornalista agora é multitarefas, mas não é multissalário. A tese de SIMON (2020), orientada pelo professor Dino, apresenta essas características ao investigar “transformações e desafios contínuos da profissão”. As redações do jornalismo corporativo reduziram suas plantas e as contratações formais são agora exceção (FÍGARO; NONATO; GROHMANN, 2013). Assim como no mercado de trabalho em geral, os jornalistas são incentivados a serem empreendedores e inovadores (OLIVEIRA; GROHMANN, 2015). A área da comunicação é marcada pela “densificação do trabalho, precarização das relações contratuais, demissões, aviltamento salarial, manipulação da informação, hibridização do texto jornalístico com o publicitário” (FÍGARO; NONATO, 2017, p.59).

Em meio às incertezas das grandes redações, na Universidade, víamos como distante a possibilidade de criar novos formatos de jornalismo e apresentar narrativas em que acreditávamos. Mas professores como o Juarez Xavier nos incentivaram a acreditarmos no nosso potencial em criar narrativas jornalísticas que contemplem a diversidade social dos brasileiros. Não por acaso, seus orientandos criaram o Jornal Alma Preta⁵. As plataformas online trouxeram o acesso do cidadão ao poder de comunicar (PERUZZO, 2007) e a web passa a ser vista como uma “ferramenta potencializadora para o desenvolvimento da mídia produzida e protagonizada pela periferia” (SILVA e NONATO, 2019, p.4). Mas o financiamento é um desafio para esses “novos arranjos” de jornalismo (FÍGARO, NONATO, GROHMANN, 2018). Após pesquisar sobre esses grupos jornalistas das periferias, SOUZA (2015) afirma que os novos veículos de comunicação produzidos a partir e para as periferias não se encaixam nas terminologias do jornalismo “cidadão”, “comunitário” ou “alternativo”. Esses grupos são, então, caracterizado como “Jornalismo de Quebrada”, que buscam por:

Democratização da comunicação sobre as quebradas paulistanas; compartilhamento de conteúdo de midialivistas independentes; caráter contra-hegemônico; caráter participativo-cidadão; emancipação de quebradas; disputa de imaginários; incorporação de gírias; preocupação com a informação e formação do leitor; militância pela garantia dos direitos fundamentais; adaptação do conceito de periferia; e especificidade geográfico-espacial. (SOUZA, 2015, p.154)

Em 2016, pessoas e coletivos que são e atuam a partir das periferias de São Paulo⁶ fundaram a Rede Jornalistas das Periferias. O Desenrola e Não me Enrola e o Periferia em Movimento estão entre eles. Uma das frentes de atuação dessa Rede de Comunicação Popular é o Fórum Comunicação e Territórios⁷, que em 2019 publicou o “Mapa do Jornalismo

⁵“Criado em 2015 por um grupo de jovens comunicadores da UNESP, o Alma Preta é uma agência de jornalismo especializado na temática racial do Brasil. Em nosso conteúdo você encontra reportagens, coberturas, colunas, análises, produções audiovisuais, ilustrações e divulgação de eventos da comunidade afro-brasileira. Nosso objetivo é construir um novo formato de gestão de processos, pessoas e recursos através do jornalismo qualificado e independente”. Descrição disponível em: <https://almapreta.com/institucional/sobre>

⁶ Descrição disponível em: <https://pt-br.facebook.com/redejornalistasdasperiferias/> Acesso em junho de 2020.

⁷ O Fórum de Comunicação e Territórios é “uma uma coalizão entre coletivos de comunicação atuantes nas periferias da cidade de São Paulo que sabem que nenhuma de nós é mais importante que todas e todos nós juntos. Por isso, eles se articularam em rede colocando seus saberes, suas tecnologias, redes e conhecimentos à

Periférico: passado, presente e futuro”. Foram mapeadas 97 iniciativas e identificou-se que essas ocupam um “não lugar” no mercado de trabalho.

Tratando-se do financiamento dos trabalhos do “jornalismo de quebrada”, é perceptível um campo de relações de disputa composto pelos jornalistas, agentes do Estado e instituições privadas. Para a produção do artigo, entrevistei membros de dois grupos (Desenrola E Não Me Enrola / Periferia em Movimento) utilizando da metodologia da observação participante (BOURDIEU; WACQUANT, 1992). Interoguei os atores sobre as relações de trabalho e as atividades que desenvolvem. Uma das estratégias das entrevistas foi perguntar sobre atividades que compõem a rotina de trabalho a fim de conhecer os processos naturalizados nessa rotina e as subjetividades presentes no “modo de fazer”, a exemplo de investigações do Núcleo de Antropologia da Política (NUAP, 1988).

Além das entrevistas, analisei pesquisas já publicadas sobre as iniciativas, bem como o livro do Desenrola E Não Me Enrola. Nesse processo, utilizei a lente metodológica da Análise Crítica do Discurso, como desenvolvida por FAIRCLOUGH (2001), percebendo o discurso como uma prática tridimensional (prática textual, discursiva e social). Tive como exemplo desse uso metodológico o trabalho de BARBALHO e UCHOA (2019) sobre as linguagens do novo capitalismo presentes nos discursos do empreendedorismo social.

Na primeira parte do artigo, apresento a trajetória dos dois grupos. Sucessivamente, apresento um levantamento bibliográfico sobre subjetividades do trabalhador no novo capitalismo, sobre trabalhadores da comunicação, e jornalistas de quebrada. Então, apresento os resultados sobre as subjetividades encontradas no modo de fazer dos projetos. Entre elas, a flexibilização da rotina, os projetos a curto prazo, a instabilidade financeira, a responsabilização individual, a junção entre tempo livre e tempo de trabalho e a cultura do empreendedorismo. Nas considerações finais, trago temas que podem ser aprofundados em próximas investigações.

1. Trajetórias dos grupos de comunicação

1.1 Periferia em Movimento

Em 2009, três estudantes de jornalismo da Universidade Santo Amaro, moradores de bairros periféricos da Zona Sul de São Paulo, se reuniram para produzir seu Trabalho de Conclusão de Curso. Aline Silva, Thiago Borges e Sueli Reis Carneiro produziram o documentário “Grajaú na construção da Paz”, com um olhar jornalístico a partir da e para as periferias. Para publicar os bastidores da gravação e dados da pesquisa teórica do TCC, criaram o blog “Periferia em Movimento”.

Em 2010, eles se reuniram novamente para escrever um projeto e concorrer ao fomento do programa de Valorização de Iniciativas Culturais - VAI (promovido pela Secretaria Municipal da Cultura de São Paulo). Foram selecionados, receberam o valor bruto de R\$ 20.690,00 para executar o projeto em até oito meses. Era a primeira vez que contavam com um orçamento para realizar as atividades do grupo.

No projeto “Periferia em Movimento em Debates”, promoveram seis eventos com moradores da região, militantes e artistas, sobre temas tratados no documentário, (como direito à moradia e educação). Não era uma remuneração pela atividade rotineira do jornalismo (voluntariamente, mantinham o blog atualizado com a agenda cultural das periferias de SP e coberturas de eventos culturais), mas por um dos braços de atividades do

disposição que resultaram nessa pesquisa histórica”. Descrição disponível na página “sobre” do site <https://www.comunicacaoeterritorios.org/>

grupo: o desenvolvimento de oficinas. No escopo do programa VAI, os grupos recebem acompanhamento de servidores da Prefeitura para gerirem seus projetos e também conhecem demais grupos contemplados. Com isso, os jornalistas do Periferia em Movimento passam a ter contato com mais atores de iniciativas culturais e de comunicação de outras regiões periféricas da cidade, publicam materiais sobre estes grupos e alcançam mais visualizações no blog.

De início, trabalhar no Periferia em Movimento era uma atividade realizada no contraturno, paralela aos empregos formais que os jornalistas desempenhavam em empresas e agências de comunicação (com carteira assinada ou contratação via MEI). Em 2011 escreveram o projeto “OCA - Oficina de Cinema Amador”, com o objetivo de “estimular o olhar crítico para a mídia e ampliar o acesso às técnicas de produção de conteúdo pelo público” (Site - Periferia em Movimento). Essa era a primeira oficina de crítica de mídia e produção de conteúdo. O Programa VAI possibilitava que um grupo inscrevesse projetos até duas vezes seguidas. Então, não poderiam ser contemplados nas próximas edições.

Em 2012, o Periferia em Movimento participou de um programa de formação chamado HUB Fellowship⁸. A partir desse projeto, conseguiram retomar a ideia do site e tiveram conhecimentos sobre gestão de projetos. Logo, passaram a planejar como o “Periferia em Movimento” poderia ser estruturado para captar recursos e pagar salários aos jornalistas membros da equipe. Conheceram um modelo de banco de horas para distribuir o pagamento de acordo com a realização das atividades. Porém, para ter dinheiro em caixa, precisavam encontrar editais disponíveis e formular projetos.

Em 2014, a Prefeitura de São Paulo lançou o Edital Redes e Ruas⁹ e o Periferia em Movimento foi selecionado com o projeto “Repórter da Quebrada - Jornalismo Cidadão Conectando o Extremo Sul”. O valor bruto do orçamento destinado foi de R\$35.956,20. O projeto incluiu a realização do curso com duração de cinco meses (sobre jornalismo para adolescentes da região, que contou com entrevistas com ativistas e coberturas de eventos locais), além da atualização do site e oficinas em escolas. O orçamento englobou equipamentos, pagamento de auxílio transporte, alimentos para as reuniões, materiais de papelaria, e também o pagamento aos profissionais do coletivo. Nesse formato do Edital, os coletivos precisam apresentar um orçamento detalhado no projeto e, ao final, prestar contas de todos os gastos executados.

Em 2015, o Periferia em Movimento inscreveu uma segunda edição do curso “Repórter da Quebrada - Jornalismo e Direitos Humanos conectando o Extremo Sul” no edital Redes e Ruas. Dessa vez, o edital se dividia em quatro categorias e o grupo encontrou espaço na de “midialivrismo”¹⁰. O grupo recebeu o orçamento bruto de R\$ 49.980,00 e os projetos foram realizados entre o segundo semestre de 2016 e o primeiro de 2017. Alguns dos participantes da edição anterior foram formuladores e educadores dessa vez. O projeto também englobou a atualização do site e uma viagem de “escambo periférico” com coletivos de comunicação de favelas do Rio de Janeiro.

Essas e outras atividades do coletivo estão disponíveis na linha do tempo publicada em seu site¹¹. Ao longo dos anos, o grupo também foi contratado por instituições para realizar

⁸ Programa para empreendedores sociais criativos, de uma empresa Suíça que é realizado em diversos países. Na edição de São Paulo, de 2012 a 2013, teve como temática “criatividade e empreendedorismo jovem”.

⁹ Iniciativa da Prefeitura de São Paulo que apoia propostas de inclusão, cidadania e cultura digital, que deverão prever, dentre o conjunto de atividades, ações a serem desenvolvidas em telecentros, praças do programa WiFi Livre SP e em parceria com os Pontos de Cultura de São Paulo.

¹⁰ Midialivrismo: Aprimoramento e desenvolvimento de sites, blogs, videoblogs; ações de democratização da comunicação; produção de comunicação colaborativa e do jornalismo comunitário; web rádio, rádio poste, foto reportagem; ações de educomunicação; publicações virtuais e, uso de mídias móveis e mídias sociais; entre outros.

¹¹ Linha do tempo disponível em: <http://periferiaemmovimento.com.br/linha-do-tempo/>

coberturas jornalísticas de eventos, palestras e temas específicos. Por exemplo, a série de reportagens sobre o Plano de Bairro do Jardim Lapenna, financiada pela Fundação Tide Setubal. Os Institutos Alana e Wladimir Herzog e a Fundação Via Varejo também já financiaram projetos realizados pela Periferia em Movimento. A aproximação a grupos de comunicação e cultura de outras periferias vem desde o início do grupo, e a criação da Rede Jornalistas das Periferias aconteceu em 2016. Em conjunto, a Rede Jornalistas das Periferias elaborou projetos que foram financiados por instituições privadas, como a Virada Comunicação em 2017 e o Mapa do Jornalismo Periférico em 2019.¹²

O Periferia em Movimento foi selecionado em 2018 por uma consultoria sobre empreendedorismo comunitário do programa de Aceleração de Negócios de Impacto Social (ANIP)¹³. Após essa participação, passaram a se definir como “a Periferia em Movimento - produtora de jornalismo de quebrada”:

[...] quando se fala de coletivo, parece ainda parece algo muito solto, sabe? como se fosse um vínculo muito fácil de se fazer e desfazer. Quando a gente se assume como produtor, a gente assume que a gente tem um projeto de curto, médio e longo prazo, porque aí a gente tá falando de grana e de contratação de mais pessoas, de ter um impacto real. Não que a gente não tenha, mas de ter um impacto mais efetivo na vida das pessoas do local. A gente tem um modelo de gestão continuo sendo de coletivo e eu acho isso é o mais importante. Se a gente deixa de ser coletivo, a gente perde a horizontalidade e perde autonomia que cada um tem. Não queríamos isso, mas percebemos que, na verdade, o modelo de gestão possa ser preservado. Então, na essência, ainda somos um coletivo, na maneira em que nos apresentamos no mundo, só agora ressignificando a produtora, trazendo diversidade. Por que não ser uma produtora na quebrada, sabe?! entendendo isso, fizemos muito as coisas do nosso jeito e podemos continuar (BORGES, 2018. Apud SOUZA, 2019)

Esses jornalistas precisaram desenvolver habilidades de gestão e conhecer as possibilidades de atuação para entrar no mercado. Foi preciso que os membros dedicassem grande parte de seu tempo ao trabalho de pesquisar editais públicos e privados, planejar projetos, realizar inscrições e participar de processos seletivos. Também, encontraram formas de decidir qual trabalho topam realizar sem perder a missão principal do grupo. É preciso “barrar oportunistas”, relatam nas entrevistas. No site, disponibilizam as seguintes explicações sobre como trabalham:

Atuamos a partir do Extremo Sul de São Paulo (Grajaú, Parelheiros, Marsilac e Cidade Dutra) até os centros de poder nas frentes:
Conteúdo: produção de conteúdo jornalístico de dentro para dentro, pautando a cidade a partir da visibilização de histórias de quem está nas frentes de luta pela garantia de direitos pela cultura, saúde, educação, mobilidade, moradia, preservação ambiental, trabalho e renda, com questões de gênero, raça e classe de forma transversal.
Articulação: aproximar, representar e incidir politicamente dentro e fora dos territórios de atuação na busca pela garantia de direitos a partir da discussão sobre Jornalismo, Periferias e Direitos Humanos, por meio de encontros de

¹² Notícias sobre a Virada Comunicação realizada em 2017: <https://periferiaemmovimento.com.br/virada-comunicacao-confira-programacao-completa-e-inscreva-se/>

¹³“A ANIP tem o objetivo de apoiar uma nova geração de empreendedores (as) da periferia fortalecendo seu modelo de negócio e aumentando o impacto social, em um ambiente que transforme os empreendedores e empreendedoras em protagonistas no desenvolvimento de soluções sociais, ambientais e financeiras do país. (disponível no site <https://www.aceleradoranip.com/>)

aprendizagem (palestras, oficinas, cursos, vivências), curadoria e consultoria.

Site Periferia em Movimento - quem somos. Disponível em: <http://periferiaemmovimento.com.br/quem-somos/> (visualização em 2020).

Na entrevista, relataram que não possuem um levantamento de quantos projetos já inscreveram em conjunto, mas afirmam que foram muito mais do que os selecionados. Quanto ao financiamento das atividades, informaram o seguinte: com 10 anos de atuação, o financiamento e remuneração dos membros continua sendo um desafio. Ainda contam com outros *freelas* de comunicação esporadicamente. O grupo utiliza um formato de banco de horas para remuneração dos membros. Por mais que tentem fixar um teto de horas, acabam extrapolando o tempo planejado para concluir os materiais que serão publicados. Por acreditarem que essa situação precariza seus trabalhos, eles estão buscando meios de fixar um salário para cada membro e também as horas de trabalho.

Quando completaram 10 anos, lançaram a campanha permanente de financiamento coletivo¹⁴, que atualmente conta 63 assinantes e capta um valor de R\$1.220,00 por mês. Também inauguraram em 2019 a “Morada Jornalística”, sede da Periferia em Movimento no Grajaú.

1.2 Desenrola E Não Me Enrola

Como apresentei na introdução do artigo, o projeto dos estudantes de jornalismo moradores do M’Boi Mirim teve início em 2013, com um blog que divulgava notícias culturais das periferias.

O Desenrola E Não Me Enrola é um coletivo de comunicação engajado em criar, ressignificar práticas e métodos de produção de Conteúdo, Pesquisa e Formação, tendo como ponto de partida a produção de conhecimento presente nos diferentes contextos sociais que dão forma às periferias de São Paulo. Não por acaso, os eixos temáticos que norteiam todos os projetos desenvolvidos pelo coletivo ao longo dos últimos cinco anos são Identidade, Território e Repertório (VILHENA; LOPES; CRUZ, et al. 2018. p.10)

O livro publicado pelo coletivo em 2018 contém, entre outras informações, relatos de suas trajetórias de educação e trabalho antes do início do coletivo. No caso da co-fundadora Thais, fazem parte das experiências: o desemprego, a oportunidade do FIES, o longo trajeto diário à universidade, o emprego no supermercado, a fome, o último dia em que pôde ir à universidade porque já não poderia pagar a mensalidade, e quatro anos depois, a nova universidade, o emprego no shopping, o assédio moral no estágio de comunicação.

Depois disso, fiquei muito triste e parei de procurar por estágio. Tinha medo, fiquei insegura, a ponto de duvidar das minhas escolhas. Tanto sacrifício, tanta luta, para agora estar em dúvida a respeito de tudo. Continuei estudando e voltei a trabalhar em shopping, como vendedora. Na faculdade, comecei a organizar a semana de jornalismo, mesmo triste e desanimada. (SIQUEIRA in VILHENA; LOPES; CRUZ, et al. 2018, p.33.)

Na organização da semana de jornalismo, Thais recebeu o convite de trabalho de Tatiana Ivanovici para trabalhar no “DoLadoDeCá”¹⁵. Ali, teve oportunidade de “ser sua

¹⁴ Campanha de financiamento coletivo da Periferia em Movimento: www.catarse.me/PEM?ref=ctrse_explore_pgsearch&project_id=92598&project_user_id=1072575

¹⁵ “Coletivo de comunicação que divulga as ações culturais e sociais sobre cultura popular, diversos estilos de

aprendiz”, tratada “com cuidado”, e teve tempo e incentivo para criar o blog “Desenrola E Não Me Enrola” junto a Ronaldo. Thais conta que a primeira matéria do blog a gerar mais ibope foi sobre o lançamento do primeiro livro de poesia do poeta Márcio Ricardo, morador do Extremo Sul de São Paulo. A matéria teve mais abrangência do que a cobertura do show de retorno do grupo Racionais Mc’s. Ali, perceberam que “contar histórias dos moradores, coletivos e artistas das periferias é mais importante do que destacar o que boa parte da mídia já tem como foco”. Desde então, reforçam essa relação de rede com os atores culturais das periferias, por poder divulgar essas iniciativas e alcançar o público da própria periferia também.

Em 2013, tiveram a ideia do projeto de formação sobre comunicação chamado “Você Repórter da Periferia”. Escreveram o projeto junto ao novo membro Raphael, que já tinha experiência em articulação cultural. O projeto foi selecionado no Programa VAI em 2014 e 2015. Em 2017, foram contemplados pelo Edital Redes e Ruas. Até 2019, já aconteceram seis edições do curso, algumas sem financiamento.

A metodologia de formação do curso (é) pautada na produção de um jornalismo que provoque nas pessoas um reencontro com a sua identidade cultural atuando diretamente contra a produção e reprodução de estereótipos e as falácias da generalização, facilmente identificadas na grande mídia (VILHENA; LOPES; CRUZ, et al. 2018. p.10)

Assim como na Periferia em Movimento, adolescentes que participaram do curso passaram a atuar no coletivo e também em outros grupos de comunicação periférica. Em 2017, foram selecionados na Lei de Fomento à Cultura das Periferias, que possibilitou a publicação do livro e inauguração do Centro de Mídia do M’Boi Mirim, espaço de trabalho do coletivo e aberto para quem quiser trabalhar lá, no formato “coworking”. O espaço conta com estúdios de fotografia e edição, salas de reunião e auditório disponíveis à população em geral.

A instabilidade orçamentária também é marcante no projeto, não existe previsão a longo prazo. Em janeiro de 2019, o grupo abriu as portas do Centro de Mídia sem sequer contar com o dinheiro para os próximos aluguéis. Para sustentar financeiramente o coletivo, atuam em diversas frentes de trabalho:

A gente escreve para outros portais, produzir conteúdo para empresas, a gente também é chamado por coletivos e movimentos para também contribuir na comunicação deles, então a gente tem todas essas frentes juntas. Além das questões de gestão, então a gente gere, a gente planeja, a gente executa, a gente... são várias etapas dos processos, de todos eles, que a gente faz. Tudo (Flávia Lopes - entrevista concedida à autora, 2019)

O financiamento coletivo também é uma estratégia para auxiliar na remuneração. Contam atualmente com 14 assinantes mensais, que contribuem ao todo com R\$225,00 por mês. Na campanha que está no ar¹⁶, informam que são necessários R\$500,00 por mês para arcar com gastos administrativos do coletivo e os demais gastos estão distribuídos da seguinte forma: 13% - taxa catarse, 9% - redação, 5% - recompensas do catarse, 3% - gastos administrativos, 32% - Produção de dados (Projeto Info Território) e 38% - produção de conteúdo (equipe).

música, futebol de várzea, comportamento e literatura”. Disponível em: www.facebook.com/RedeDoLadoDeCa/
¹⁶ Campanha de financiamento coletivo do Desenrola E Não Me Enrola: <https://www.catarse.me/desenrolaperiferias>

2. Subjetividades do trabalhador no novo capitalismo

O curso de Michel Foucault sobre o nascimento da biopolítica, (realizado no College de France em 1978 e 1979) apresentou uma nova leitura sobre a racionalidade inserida nos comportamentos humanos no contexto neoliberal. Com sua análise histórica, social e econômica, o filósofo identificou o governo como uma atividade, não uma instituição. A governamentalidade se opera por meio de relações de controle. Revela o “aparecimento também, nessa nova arte de governar, de mecanismos que têm por função produzir, insuflar, ampliar as liberdades, introduzir um ‘a mais’ de liberdade por meio de um ‘a mais’ de controle e de intervenção” (FOUCAULT, 2008, p.92).

Foucault mostra a biopolítica como um controle cuja lógica se aplica por meio de subjetividades implicadas no discurso e nas ações. Na sociedade, esse poder pode ser observado na utilização do discurso do sujeito empreendedor de si mesmo. Quando as estruturas de trabalho parecem dar mais autenticidade ao trabalhador, também atribui sobre ele a responsabilidade, é o que afirmam os estudos sobre trabalho no chamado novo capitalismo.

Os autores Boltanski e Chiapello (2009), investigam porque as mobilizações por liberdade e fim das hierarquias no trabalho realizadas em 1968 na França teriam resultado em condições precárias. Para eles, as críticas ao formato rígido de trabalho que foram respondidas pelo sistema capitalista teriam sido apenas as de aspecto estético (autenticidade e liberdade), já as de aspecto social (igualdade) teriam sido silenciadas. Sendo assim, as mudanças tornaram o trabalho cada vez mais autêntico e livre, também flexíveis e instáveis e sem seguridade ou garantias a longo prazo. As expectativas que essa lógica cria sobre sujeitos trabalhadores são individuais, eles devem ter autonomia e conquistar o status pelo próprio mérito (ROSE, 2011). Essa rotina flexível ocasionaria um processo de corrosão do caráter, o trabalhador torna-se apreensivo, incapaz, ansioso, apreensivo e se sente culpado por ter se colocado nessa situação (SENNET, 2004). Também, nesse alto nível de flexibilidade, o trabalhador precisa se habituar a correr riscos. Além disso, é difícil que ele se baseie em experiências passadas, já que tudo está em constante mudança.

Atacando a burocracia rígida e enfatizando o risco, a flexibilidade dá às pessoas mais liberdade para moldar suas vidas. Na verdade, a nova ordem impõe novos controles, em vez de simplesmente abolir as regras do passado – mas também esses novos controles são difíceis de entender. O novo mundo atual é um sistema de poder, muitas vezes ilegível. (SENNET, 2004, p.10)

Segundo o autor, as inovações organizacionais causam rotatividade (empregos temporários, contratos por tempo parcial e variável), subcontratação de mão de obra terceirizada (quando menos funcionários ligados à empresa, melhor), e são criadas novas situações jurídicas (estagiários, empregos-formação) que trazem menos seguridade ao trabalhador. Esse contexto exclui e seleciona trabalhadores, gera uma competição e a necessidade de “investir na formação pessoal”. O exército reserva de trabalhadores é cada vez maior, à espera da “oportunidade”.

Dardot e Laval (2016, p.327) mostram que a nova razão do mundo fabrica um sujeito neoliberal: “Sujeito ativo que deve participar inteiramente, engajar-se plenamente, entregar-se por completo na sua atividade profissional”. Suas conquistas são individuais, pelo mérito, por ter tido o risco de inovar, e essas características também estariam no serviço público, que ganhou novos formatos de contratação. As crises são sociais, mas passam a ser percebidas como crises individuais, já que o indivíduo é também responsável pelas desigualdades. Nesse contexto, o Estado governa com políticas sociais que criam as privatizações cruzadas: em que

“se entrecruzam serviços e captação de recursos por meio de um mecanismo de privatização da cultura e de terceirização dos equipamentos e serviços públicos de saúde” (RIZEK, 2013, p. 200). Então, a condição do Estado-Provedor estaria caminhando no fio da navalha (COHN, 2009).

A pesquisa etnográfica de SCOZ (2018) com pessoas que criaram startups revela as precariedades dessa busca constante pela inovação. O ambiente do empreendedorismo social adiciona a esse trabalho a causa social, o bem-estar e a cidadania (CAMARGO, 2018). Marcadores da lógica neoliberal de responsabilização do indivíduo (empreendedorismo, criatividade, autonomia e protagonismo) estão presentes nos discursos dos trabalhadores de ONGs (CAMARGO, 2018). As empresas de inovação social que atuam como “incubadoras” de projetos sociais também se configuram em um ambiente de disputas e negociações do capitalismo contemporâneo, com as seguintes características:

É fundamental estar sempre buscando novas atividades, nunca estar sem um projeto, sem uma ideia em mente, estar sempre se preparando para fazer algo junto com outras pessoas, com quem se estabelece um vínculo provisório, articulado em torno de uma atividade específica. (BARBALHO; UCHOA, 2019, p.170)

Esse modelo de gestão dos projetos de empreendedorismo social, segundo o autor, se estenderia a um modelo de conduta de vida, em que estão presentes os seguintes atributos:

A criatividade, a autonomia e a autogestão, a flexibilidade para se adaptar a diferentes situações e estar sempre ‘aberto à mudança’ e, sobretudo, a capacidade de fazer usos estratégicos das redes de contatos pessoais para motivar e engajar outras pessoas em seus projetos. (Idem, p.161)

2.1 Comunicação e Trabalho na lógica neoliberal

A investigação do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT) sobre novos arranjos¹⁷ da mídia não corporativa mostrou que o principal fator de precariedade seria a dificuldade do financiamento. “Tentar viabilizar outras formas de sustentação caracteriza-se como o principal desafio dos novos arranjos do trabalho do jornalista” (Idem, p.127). Uma das alternativas que os jornalistas encontram para trabalhar com o que acreditam é a condição de empreendedores. A maior parte dos 70 arranjos entrevistados surgiu após 2011, sendo “resultado da confluência entre disponibilidade tecnológica, mobilização social e crise no mundo do trabalho” (Idem, p.66). A maioria dos arranjos não se declara como modelos de jornalismo alternativo, jornalismo independente, tampouco inovador ou empreendedor.

A maior parte desses grupos não define periodicidade nas suas produções jornalísticas. Segundo as autoras, esse dado pode indicar que haja “dificuldade de sustentar uma cobertura com periodicidade definida. Há precariedade na produção e, conseqüentemente do trabalho” (Idem. p.72). Também destaca-se como condições precárias a rotina flexível e a densificação do trabalho, pois trabalham a todo tempo, tem jornadas múltiplas e ocupam no jornal diversas funções. “O ser jornalista aqui é um ser dividido que sofre porque vislumbra e faz acontecer o jornalismo em que acredita, mas é impedido de dedicar-se integralmente a essa atividade porque não sobrevive dela” (Idem, p.128).

O financiamento dos grupos é diverso, abrangendo publicidade, doações, venda de

¹⁷Esse termo também é usado na literatura econômica para falar exatamente de organizações locais, em situações mais débeis de desenvolvimento econômico, como arranjos produtivos locais” (FÍGARO, 2020 - entrevista concedida ao site Digilabour)

conteúdo, parcerias com fundações, financiamentos coletivos e mais¹⁸. Nos relatos sobre como iniciaram os projetos, vemos o exemplo de três sócios que começaram atuando em uma sede emprestada pelos pais. Outros não têm sede nem salário, são 100% voluntários. Esse estudo também revelou que grande parte dos entrevistados se dedica a outras atividades de prestação de serviços para se sustentar. A presença de redes da inovação social também é constatada:

Esses arranjos têm seguido as indicações de entidades que fornecem assessoria e cursos na área do empreendimento em jornalismo, muito embora o empreender acabe por se configurar em diversas formas de manter o sustento. Pode-se falar em empreendedorismo por necessidade¹⁹, muito diferente daquele ideário que propaga um modelo de sucesso como máxima absoluta (Idem, p.73).

E na sessão “o jornalismo como voz da periferia”, a pesquisa do CPCT apresentou que alguns arranjos encontraram formas de se sustentar que estão ligadas ao empreendedorismo social. E eles se percebem enquanto precários, “a saída é ser um negócio, mas um negócio social. O adjetivo social permite que o sujeito se distancie de práticas voltadas para obtenção de lucro simplesmente” (Idem, p.181). Participar de redes como as incubadoras de negócio de impacto pode ser uma oportunidade para tocar o projeto. E nessa busca por produzir o jornalismo em que acredita, “o sujeito é convocado a ser autônomo, a tornar-se um empreendedor, inserindo-se de outro modo na mesma ordem socioeconômica que recusou ao não aderir ao emprego na grande empresa, que o precariza e o aliena de suas origens sociais” (Idem, p.185).

E então, temos a pesquisa feita pela própria Rede Jornalistas das Periferias acerca de seus comuns, com o objetivo de investigar suas motivações, as formas como se articulam e como se sustentam a partir de seus trabalhos. Na pesquisa “Mapa do Jornalismo Periférico: passado, presente e futuro²⁰”, financiada pela Fundação Rosa Luxemburgo²¹, mapearam 97 “realizadores comunicativos”²². Registraram um aumento na criação de iniciativas de comunicação das periferias da cidade de São Paulo a partir de 2012. Pesquisadores relacionaram esse dado à criação de políticas públicas de acesso ao ensino superior no Brasil, já que 62% dos entrevistados estudaram jornalismo com o apoio do ProUni, FIES, cotas, entre outras políticas de incentivo ao ensino superior.

O acesso à universidade produz tensionamentos de duas ordens dentro do universo pesquisado. Ela parece ser insuficiente para superar os estigmas do mercado de trabalho e também é um momento em que a realidade se torna consciente. As representações na mídia passam a ser alvo de críticas e os aprendizados passam a trabalhar para transformar a realidade. As iniciativas pesquisadas são ao mesmo tempo uma afirmação de potência e uma confissão que o mercado não está interessado na mudança que esses novos comunicadores trazem. É preciso salientar, no entanto, que nem todas as iniciativas almejam que a iniciativa seja seu principal trabalho” (Fórum de Comunicação e Territórios, 2019. p.14)

¹⁸ Ver mais na tabela que descreve os financiamentos de cada arranjo (FÍGARO, NONATO, GROHMANN, 2018. p.204 a 206)

¹⁹ Na categorização do SEBRAE, é o termo utilizado para negócios que “afirmam ter iniciado o negócio pela ausência de alternativas para a geração de ocupação e renda”.

²⁰ O mapeamento produzido pelo Fórum de Comunicação e Territórios está disponível para download no site <https://www.comunicacaoeterritorios.org/>. Acesso em junho de 2020.

²¹ “Uma instituição de formação política (...) que procura contribuir para a construção de uma sociedade mais democrática e igualitária, promovendo pesquisa, reflexão e debate sobre alternativas ao capitalismo”. Descrição disponível no site: www.rosalux.org.br.

²² Englobam iniciativas diversas de jornalismo realizadas em grupo (coletivos, jornais, rádios, produtoras) e também profissionais autônomos, freelancers que trabalham com o “jornalismo de quebrada”.

Entre os entrevistados, são minoria os grupos que tiveram projetos contemplados por políticas públicas de fomento à produção cultural. O relatório foi anunciado no site da *Periferia em Movimento* com destaque para a condição de precariedade: “após 30 anos de luta, comunicadores das quebradas ainda passam perrengue pra trampar” (BORGES, 2019). Nas últimas páginas do relatório, lê-se a mensagem a seguir:

São Paulo não tem um deserto de produção midiática. Há centenas de pessoas trabalhando para ampliar o direito à comunicação em diversas linguagens, incluindo o jornalismo. Elas veem a informação como estratégica, mas precisam superar diversos desafios para produzir e distribuir seu conteúdo (Fórum de Comunicação e Territórios, 2019).

O Fórum de Comunicação e Territórios atualmente se articula para formular políticas públicas capazes de financiar o trabalho de iniciativas de comunicação periféricas. Podemos então afirmar que os atores são conscientes das suas condições de precariedades. E entendem que o Estado tem o papel de fomentar a comunicação, como parte do direito à comunicação da Constituição. Se nas condições atuais, “obedecer ao próprio desejo é correr riscos” (DARDOT e LAVAL, 2016), quem é que pode correr esses riscos na hora de começar um projeto de comunicação? Fatores sociais, econômicos e históricos influenciam quem são esses sujeitos que se arriscam, que desistem, que não chegam a tentar. O empreendedorismo já foi tomado como um incentivo a assumir riscos, aproveitar as oportunidades, mas a que custo? (TOMMASI, 2007).

Para que os projetos começassem, no caso da **Periferia em Movimento** e do **Desenrola E Não Me Enrola**, nota-se que além do “engajamento em defesa de uma causa social” (FÍGARO, NONATO, GROHMANN, 2018), foi necessário um pontapé inicial: o fomento público. Para isso acontecer, escreveram um projeto nos moldes de um edital público de fomento e foram selecionados.

3. Modo de fazer e subjetividades dos trabalhadores pesquisados

Tendo em vista a bibliografia apresentada, trago aqui contextualizações e análises sobre os modos de fazer dos grupos que entrevistei. Começarei pelo tema da flexibilização das rotinas de trabalho:

Tem sim um horário que a gente se planeja para estar aqui, para poder fazer as coisas, mas esse horário, assim, ele é muito facilmente extrapolado (...) A gente já virou noite, já escreveu projeto para as mesmas coisas, quando esses prazos estão apertados, então (...) o horário da gente e as condições, elas não tem uma linha definida, não é um padrão de ‘eu faço das 8h às 18h e eu faço essa e essa função’, não se pintar um projeto XYZ, eu vou ter que fazer também nessa frente. Se eu não tiver mais esse projeto, tiver outro, se eu não tiver o projeto, mas tiver um serviço, se não tiver um serviço, mas tiver uma articulação para fazer, um evento para ir... então não tem esse quadradinho fechado. (Flávia Lopes - entrevista concedida à autora, 2019)

É mais dinâmico, porque aí como tem as funções, cada um tem a sua função e (...) tem tarefas atribuídas, cada função tem as suas atribuições, aí vai muito da demanda que cada um está cumprindo. Então por exemplo, eu estou aqui quase sempre de terça a sexta, quase sempre, mas nem sempre. (...) a Aline está muito no lance de parceria, de pontes e tal, então fica muito mais fora (...) A Laís também define muito a parte das demandas da casa, se vai ter algum evento, se vai ter alguma necessidade, pensar a produção da

casa e é isso, a gente vai definindo a partir das demandas. O dia que a gente mantém como dia de referência é terça-feira que é para a gente fazer a nossa reunião de equipe e alinhar tudo. (Thiago Borges - entrevista concedida à autora, 2019)

Ambos os grupos têm suas sedes: Centro de Mídia do M'Boi Mirim e Casa Periferia Em Movimento. Esse local de trabalho foi possibilitado por meio de projetos aprovados em editais de fomento. Quando termina o prazo de vigência do edital, o grupo tem que criar novas estratégias para pagar o aluguel das casas. As sedes físicas influenciam para que tenham uma rotina de reuniões e para que possam separar o “tempo de trabalho” de suas outras atividades: “quando a gente sai daqui tem essa coisa de respeitar, acabou o trabalho de hoje, cada um vai para sua casa fazer suas coisas” (Laís - entrevista concedida à autora, 2019). Os grupos definem dias de folga e reconhecem a importância de “desligar do trabalho” nesses momentos. Isso mostra que não seguem a lógica do culto ao trabalhador em tempo integral, que aflige o trabalhador já que “tempo é dinheiro” (THOMPSON, 1998. p.302). Mas quando o orçamento está no limite, as rotinas de trabalho também ficam mais precarizadas (longas e pouco remuneradas).

Por mais que dentro do grupo as relações sejam horizontais, com tarefas divididas em acordos comuns, quando estão tratando com os contratantes, já passaram por situações impositivas. Em entrevista, Flávia relatou que alguns contratantes das fundações “acham que a gente é funcionário (...) te ligam oito horas da noite, não para de chamar no WhatsApp, querem um monte de relatório, um monte de métrica, te passa um milhão de coisas para fazer, quer que você atenda pessoas imediatamente”.

Os grupos constantemente precisam driblar, ou empurrar para o próximo semestre, a instabilidade financeira. Para isso, têm frentes de gestão e de pesquisa por fontes de financiamento. Fazem a contabilidade do dinheiro que “entra no caixa” do coletivo, planejam quais as atividades prioritárias e prospectam onde conseguir a verba. Quais editais públicos e privados foram lançados? O grupo se encaixa nas exigências? Que projeto que está no nosso escopo poderia ser adaptado para a proposta desse edital? Constrói-se assim, um mercado, uma rede de propostas, contrapropostas, com muito tempo dedicado para estudo e diversas propostas negadas. Depois de terem firmado seus grupos e se tornado conhecidos pelo que fazem, também passam a receber propostas de parcerias. Nessa hora, avaliam diversos fatores:

A gente não pode ser ingênuo nesse sentido, mas tem chegado mais empresas, fundações, institutos mais próximos de coletivos. Isso de uns anos para cá tem ficado muito forte. E eles, às vezes, conseguem abarcar coisas que os editais não abarcam, principalmente a produção jornalística consegue ter essa entrada. Então tem esses dois lados, da gente ficar sempre de olho, atento no que eles querem, mas também de aproveitar essa oportunidade porque a gente precisa bancar um custo que o outro não banca. (Flávia Lopes - entrevista concedida à autora, 2019)

O financiamento coletivo, como citado, contribui com parte do sustento dos portais de notícias. Mas a maior parte das oportunidades traz consigo a demanda da inovação e dos projetos pontuais, com início, meio e fim. Essa é uma característica do mercado que é empregada no fomento público e privado:

A própria vida passa a ser concebida como uma sequência de projetos, sendo que quanto mais o atual difere do anterior, mais valioso ele se torna. É fundamental estar sempre buscando novas atividades, nunca estar sem um projeto, sem uma ideia em mente, estar sempre se preparando para fazer algo

junto com outras pessoas, com quem se estabelece um vínculo provisório, articulado em torno de uma atividade específica. Esse modelo de gestão, que se estende para um modelo de conduta de vida, está fortemente presente nos discursos do empreendedorismo social. (BARBALHO e UCHOA, 2019. p.160)

Essa naturalização do trabalho a curto prazo é de ordem dos financiadores, mas os grupos têm buscado cada vez mais formados que tenham uma estabilidade e seguridade. Além de prejuízos à saúde mental do trabalhador, o problema chega ao bolso e pode significar o fim daquela iniciativa de jornalismo. Ou colocar o propósito do trabalho a frente das necessidades particulares:

A gente abriu as portas em janeiro com o dinheiro do aluguel e das contas fixas pagas, foi isso. O resto foi tudo surgindo no decorrer do ano, a gente não tinha nada fechado, então a gente vive numa constante... por mais que a gente... eu acho que a única coisa que segura a gente nesse ambiente tão... inseguro mesmo, sabe? A gente não pode planejar... esse ano eu não planejei uma viagem, sabe? Nas minhas férias. Eu não consigo imaginar fazendo um boleto de passagem aérea sendo que eu não sei o que vai ser de mim ano que vem. Então você acaba, você coloca um propósito na frente e faz um projeto sem dinheiro, por exemplo, como a gente fez o (curso) Você Repórter esse ano. (Flávia Lopes - entrevista concedida à autora, 2019)

O contato que os grupos estabelecem na Rede Jornalistas das Periferias é tido como fundamental para se sentirem acompanhados nessa trajetória:

Conseguir se reconhecer, olhar e falar “não estou maluco” e de ter solidariedade e troca, conseguir se fortalecer a partir disso, acho que essa é a importância de se estar em rede e a partir disso construir outras possibilidades. Porque a gente se entendendo enquanto sujeitos periféricos que atuam no mesmo campo. É um campo de atuação, que talvez não tivesse tão mapeado ou demarcado, mas é um campo que sempre esteve aí, mas que nem sempre esteve tão articulado entre si, sempre esteve com outros atores locais, mas entre si nem tanto. (Thiago Borges - entrevista concedida à autora, 2019)

Considerações finais

A mobilização que a Rede Jornalistas das Periferias está realizando ao mapear seus pares, identificar as necessidades de trabalho e formular propostas de fomento público à comunicação é o exemplo de que estamos tratando de sujeitos conscientes da sua precarização e atuantes para alterar essa condição (BOURDIEU, 1998). Tenho percebido que os atores têm encontrado formas de utilizar o empreendedorismo a seu favor: conseguem remuneração para trabalhar com o que acreditam e tentam amenizar a corrosão do caráter apontada por Sennet (2004). Porém, a remuneração de seus projetos depende das possibilidades ofertadas (pelo setor público privado), tudo depende das parcerias.

Nota-se que para obter financiamento público, o formato dos cursos (que usam o jornalismo como ferramenta metodológica para discutir direitos humanos, território e identidade) foi um campo oportuno. Nas próximas etapas da pesquisa, irei investigar o que fez com que esses grupos optassem por formato caracterizado como educomunicação (SOARES, 2009) e como se dá a escrita dos projetos para editais de fomento público e privado. Também, como se articulam nas etapas de realização de seus projetos e de produção de reportagens do

site.

Por fim, trago observações sobre o que os grupos relataram em seus canais de informação sobre o momento atual de pandemia do coronavírus. As sedes estão fechadas, as contas a pagar continuam. Entre os trabalhos que estavam em andamento, alguns tiveram que ser adiados, outros reformulados. O curso Você Repórter da Periferia de 2020, do Desenrola E Não Me Enrola, foi adiado para 2021. O programa de entrevistas “Quebra Das Ideias”, da Periferia Em Movimento, ganhou maior periodicidade, agora é semanal. Articulados na Rede Jornalistas das Periferias, assumiram a responsabilidade de gerar informação sobre a pandemia focada nos moradores das periferias. O ritmo de trabalho se intensificou, conseguiram alguns financiamentos privados focados na temática, como o projeto #SalveCriadores, fomentado por uma Agência de Comunicação que se define como “agência digital, focada em marketing de influência”. Continuam precários, sem rotina fixa e sem previsão a longo prazo, tendo que atender urgências e atuar em uma rede de disputas.

Periferia: saga de lidar com a urgência da urgência:

As urgências sempre fizeram parte da nossa realidade. Enquanto a Covid-19 se espalha nas periferias, continuamos a lidar com as urgências das urgências. É preciso cuidar dos nossos que, com salários reduzidos ou sem emprego, estão ficando doentes ou sem condições de manter suas famílias. Assim, novamente, nossos corpos de enfrentamento não puderam ter o tão sonhado e necessário isolamento social porque precisaram ir para às ruas reivindicar o básico: a vida. Da edição (Boletim #CoronaNasPeriferiasSP 8ª edição - 01 de junho de 2020 - Rede Jornalistas das Periferias)

Referências

- BARBALHO, Alexandre; UCHOA, Carolina. As Linguagens Do Novo Capitalismo: os casos exemplares da Endeavor Brasil, Artemisia e Ashoka Brasil. *POLÍTICA & TRABALHO Revista de Ciências Sociais*, no 50, Janeiro/Junho de 2019, p. 156-174.
- BOLTANSKI L., CHIAPELLO E. O novo espírito do capitalismo. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BORGES, Thiago. 2019. Após 30 anos de luta, comunicadores das quebradas ainda passam perrengue pra tramar. Reportagem disponível em: <https://periferiaemmovimento.com.br/apos-30-anos-de-luta-comunicadores-das-quebradas-ainda-passam-perrengue-para-tramar/> acessado em 04/06/2020
- BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc. An invitation to reflexive sociology. Chicago/Cambridge, University of Chicago Press/ Polity Press. (1992)
- _____, Pierre. 2006. A ilusão Biográfica in Usos e Abusos da História Oral _p.189-190.
- _____, Pierre. A miséria do mundo. Petrópolis: Vozes, 2001.
- _____, Pierre. A precariedade está hoje por toda parte. In: BORDIEU, Pierre. *Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 72-77.
- CAMARGO, Camila. A comunicação do “terceiro setor” como expressão do neoliberalismo: as práticas discursivas e os sentidos do trabalho em ONGs de comunicação. São Paulo, 2018. dissertação (mestrado). Programa de Pós Graduação em Ciências da Comunicação - Escola de Comunicação e Artes / Universidade de São Paulo.

COHN, A. Saúde e Desenvolvimento Social. Saúde e Sociedade, São Paulo, v. 18., abr./jun. 2009

D'ANDREA, Tiarajú P. A Formação dos Sujeitos Periféricos: Cultura e Política na

DARDOT, P; LAVAL, C. A nova razão do mundo: ensaios sobre a sociedade neoliberal. São Paulo, Boitempo, 2016.

FAIRCLOUGH, Norman. Discurso e mudança social. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. 316 p.

FÍGARO (coord.); NONATO, Claudia; GROHMANN, Rafael. As mudanças no mundo do trabalho do jornalista. Prefácio de José Marques de Melo. São Paulo: Atlas, 2013.

_____, entrevista concedida ao site Digilabour. (2020) Disponível em: <https://digilabour.com.br/2020/04/18/nao-ha-trabalho-ou-capitalismo-sem-comunicacao-entrevista-com-roseli-figaro/>

_____. As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídias. Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho. São Paulo, 2018.

_____. Comunicação e trabalho: implicações teórico-metodológicas Revista Galaxia (São Paulo, online), ISSN 1982-2553, n. 39, set-dez., 2018, p. 177-189.

_____; NONATO, Claudia. Novos Arranjos Econômicos alternativos para a produção jornalística. Contemporânea - Revista de Comunicação e Cultura. v.15, n.01, jan-abr 2017, p.47-63 | ISSN: 18099386

FOUCAULT, Michel. O Nascimento da Biopolítica. Coleção Tópicos. Martins Fontes, São Paulo. (2008)

NÚCLEO DE ANTROPOLOGIA DA POLÍTICA. Uma Antropologia da Política: Rituais, Representação e Violência, Cadernos do NuAP 1, Rio de Janeiro, NAU Editora. (1998)

OLIVEIRA, M.; GROHMANN, R. O jornalista empreendedor: uma reflexão inicial sobre jornalismo, flexibilização do trabalho e os sentidos do empreendedorismo no campo profissional. Revista Líbero – São Paulo – v. 18, n. 35, p. 123-132, jan./jun. de 2015.

PERUZZO, Cicilia M. K. “Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania”. Lumina: Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, vol. 1, n. 1, jun. 2007.

RIZEK, Cibele. POLÍTICAS SOCIAIS E POLÍTICAS DE CULTURA: TERRITÓRIOS E PRIVATIZAÇÕES CRUZADAS. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais – v.15, n.2, 2013. – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional;p 199-209.

ROSE, Nikolas. (2011). Inventando nossos selfs: Psicologia, poder e subjetividade. Petropolis: Vozes.

SCOZ, Louise. O Poder Dos Sonhos: Uma Etnografia De Empresas Startup No Brasil E No Reino Unido. INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - UFRS. Porto Alegre. 2018

SENNET, Richard. A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SIMON, Luciana. Ser Jornalista No Século XXI: Transformações e desafios contínuos da profissão. 101 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru. Orientador: Prof. Dr. Antônio Francisco Magnoni. Bauru, 2020.

- SOARES, Ismar. Caminos de la educucomunicación: utopías, confrontaciones, reconocimientos. Revista Nômadas, U Central Bolivia, N. 30, Abril de 2009.
- SODRÉ, Muniz. A ciência do Comum. Petrópolis, Vozes. 2014
- SOUZA, Juliana S. Entre Quebradas e Comunicas: Educomunicação Popular e Periférica em São Paulo e Medellín. Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação Integração da América Latina da Universidade de São Paulo. 2019
- SOUZA, Juliana S. Jornalismo de Quebrada e as Representações das Periferias Paulistanas. Monografia (graduação). Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM). São Paulo, SP, 2015, 167f.
- THOMPSON, E. P. Costumes em comum. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 528 p
- TOMMASI, Livia De. Culturas de periferia: entre o mercado, os dispositivos de gestão e o agir político. Revista Política & Sociedade - Florianópolis - Vol. 12 - Nº 23 - Jan./Abr. de 2013 (11 – 34)
- TOMMASI, Livia. Trabalho: privilegio necessidade ou direito? Revista Sociologia, Ciencia e Vida. Especial, São Paulo, p. 24 - 35, 01 set. 2007.
- VILHENA; LOPES; CRUZ, et al. Você Repórter Da Periferia: Visões E Vivências Do Jornalismo Nas Periferias. Filo Czar. 2018.